

Candidaturas Presidenciaes

PLATÃO JUNIOR

Ruy Barbosa
e
Rodrigues Alves
PARALELLO HISTORICO

1917

REVISTA DOS TRIBUNAES — JULIO CESAR, 55
RIO DE JANEIRO

Candidaturas Presidenciaes

PLATÃO JUNIOR

Ruy Barbosa
e
Rodrigues Alves
PARALELLO HISTORICO

1917

REVISTA DOS TRIBUNAES — JULIO CESAR, 55
RIO DE JANEIRO

CANDIDATURAS PRESIDENCIAES

Ruy Barbosa e

Rodrigues Alves

(PARALLELO HISTORICO)

Quasi da mesma idade, tidos como os dois maiores talentos da geração academica do seu tempo e, desde então, émulos expontaneos e naturaes nas suas longas e gloriosas carreiras publicas, si, a Rodrigues Alves, coube a fortuna de representar mais brilhante figura na Faculdade de Direito de S. Paulo, a Ruy foi reservado desde logo o destino de subir derrocando tudo e a nada attendendo desde que em fóco estivessem as suas ideas e opiniões ou focalizados se sentissem o seu immenso amor proprio e a sua incommensuravel vaidade pessoal. Nos bancos da escola, como nas sociedades litterarias e na imprensa politica, entretidas pelos estudantes da sua época, foi esse feitio intellectual e psychico que logo os separou e os fez caminhar em rotas divergentes. Admirados embora ambos por mestres e collegas, um atravessou do começo ao fim do seu curso sem uma interrupção na estima e na consideração de todos que o cercavam, o outro foi compellido a deslocar-se por desgostos que teve e provocou e, para onde se guio, continuou a des gostar e a desgostar-se até que um mais vasto campo

se abrisse ao seu genio combativo, incontentavel e arrazador.

«Ruy Barbosa, na verdade, como já houve quem escrevesse, ha dezoito annos, em uma de suas chronicas politicas sob a epigraphe suggestiva—*Columnas de Dagon*, é o talento extraordinario que se fez para demolir; tempestade surda que passou por sobre a escravidão, mas que foi quem desmoralisou, uma por uma, todas as fórmulas que, sobre ella, erguera o direito escripto; terremoto revolucionario que, em nome da federação, fez durante cinco mezes gyrar o throno em um torvelinho desesperado que lhe deu a vertigem das alturas. Como no Imperio, dentro do regimen dominante, continuou elle a ser o mesmo camartello formidavel, o mesmo cyclone de grandes idéas e de contradições profundas a abalar tudo e a tudo derrocar.

«Ministro da Fazenda do Governo Provisorio e, logo depois, sub-chefe da dictadura de 15 de Novembro, e, sem duvida, o seu supremo inspirador, os instinctos dominadores da sua privilegiada natureza psychica acharam-se á vontade. Em um instante, desmoronaram elles todo o edificio semi-secular do Imperio. Das ruinas, um só esteio deixaram de pé, uma só pedra foi aproveitada. Demoliram tudo—a cumieira e o arcabouço, a administração e as finanças, em uma palavra, todas as creações que parecia serem as mais bellas, as instituições todas que se afiguravam as mais sólidas. E desceram sempre vorazes aos alicerces: cavaram o amago da Patria; revolveram os escombros e calcinaram tudo, para que o proprio pó ficasse outro, porque o pó poderia pouco a pouco aggregar-se novamente e pretender tomar a fórmula do que procuraram a todo o transe extinguir até á essencia... E, á dictadura revolucionaria, succederam a dictadura conservadora do Barão de Lucena e a dictadura militar de Floriano. Vieram após as presidenciaes civis; e Ruy Barboza proseguiu, apesar disso, na

missão sombria, que lhe reservara o destino, porquanto *destruir sem construir* é infelizmente a fatalidade innata á sua individualidade politica. . . .

RODRIGUES ALVES, ao contrario, possuiu sempre o mesmo espirito eminentemente constructor e equilibrado que lhe formou a caracteristica social desde a juventude e fez com que, passo a passo, se fosse impondo á confiança nacional até ao supremo governo da Republica, tendo merecido em vida o cognome honroso de *Grande Presidente*.

Deixando os bancos academicos, *Ruy Barboza* continuou assim na mesma corruscante trajectoria, em zig-zâgs formidaveis que não tardavam a tornal-o famoso e e chamar sobre a sua pequena figura a grande attenção de todo o paiz. No jornalismo da Bahia, sua terra natal, e, logo depois, na assembléa provincial, brilhou como astro de primeira grandeza, apadrinhado pelo conselheiro Dantas, que paternalmente o recebera no partido liberal. Descobriram logo nelle o retrato fiel de seu eminente progenitor, que sôra sempre tido como um dos maiores tribunos do seu tempo. Pequenino tambem no physico, gigante na intelligencia e, como o filho, tremendo pelo seu genio satyrico e a sua irreprimivel mordacidade, os odios geraes que contra elle se levantaram pelos seus apologos na *salinba* legislativa de S. Salvador entre os seus pares, não foram menores nem menos rancorosos do que os que, um dia tambem acabaria por crear o seu herdeiro emerito pelas suas fabulas e classificações zoologicas no vasto scenario do Senado da Republica. . . .

Membro da assembléa bahiana, deputado geral, galardoado embora com o titulo de conselho, jámais pode Ruy Barboza presidir uma provincia ou realizar as suas ardentes aspirações de se sentar nos despachos da Corôa. Dantas fez ministros a Ferreira de Moura, Prisco Paraizo, Carneiro da Rocha, e seu

proprio filho Rodolpho ; mas nunca lhe foi licito satisfazer às justas aspirações do mais verboso e eloquente dos seus partidarios. Aos ouvidos mesmo de Pedro II, chegara a fama de grande devastador do glorioso bahiano, cujas iras contra o throno já muito tarde Ouro Preto tentou applanar com o convite para, afinal, fazer parte do ultimo gabinete dos funeraes da monarchia.

RODRIGUES ALVES, por sua vez, ao completar o curso juridico, mantivera a mesma linha severa e elevada de conducta e de acção, linha que o tornara o primeiro da sua turma e tanto o haveria de recomendar na vida politica, como a directriz suprema do seu espirito. Representante do ministerio publico, juiz, deputado provincial e geral, conselheiro e presidente de S. Paulo, já figurava entre os chefes mais prestigiosos do partido conservador quando se proclamou a Republica. Na administração da sua terra natal, revelára-se um homem completo de governo, cobrindo-a de beneficios. Na commissão de finanças da assemblêa geral do Imperio, impuzêra-se aos seus pares pelo seu saber e pela sua erudição.

Membro da Junta Revolucionaria de 15 de Novembro e, mais tarde, senador da Republica, RUY BARBOZA ainda não acabara de demolir o edificio semi-secular da monarchia e, já dois mezes depois, procurava derrubar de um só golpe todos os seus collegas do Governo Provisorio com a surpresa do decreto das emissões bancarias, baixado á revelia delles e extorquido á ignorancia e á boa fé de Deodoro ; cavava, em seguida, com esse castello emissor a propria ruina de seu nome ; fazia do seu projecto de Constituição Federal uma estatua de Nabuchodonosor para que um bello dia a jogasse ao chão pelos pés de barro ; em summa, sacudindo o paiz inteiro, com o jogo da Bolsa, em um completo delirio de perseguição e de grandeza, arrastava o á bancarota e aos pronunçiamientos milifares.

Deputado á Constituinte Federal e chamado pelos republicanos paulistas a collaborar na formação do novo regimen, RODRIGUES ALVES era bem cedo solicitado por Floriano Peixoto a tomar conta da pasta da Fazenda e a reparar ali os innumerados desastres praticados pelo seu velho e trefego rival das lides academicas da Faculdade de S. Paulo. Longos mezes foram precisos para acabar com a anarchia implantada no Thezouro pelo ministro das emissões. Só mesmo o tino, a energia e a capacidade de um RODRIGUES ALVES poderiam ter prestado tão grande serviço ao Brazil.

Entretanto, como RUY, divergira elle tambem do modo de pensar de Floriano sebre a sua permanencia inconstitucional no governo até ao fim do quadriennio, porquanto o assumira ainda no segundo anno do periodo presidencial. Mas, emquanto que, por esse escrupulo constitucional, RODRIGUES ALVES se limitára a exonerar-se do ministerio, o seu antigo collega de Faculdade, obedecendo á diathese terrivel de sua alma e aborrecido por não querer Floriano fazel-o candidato á sua successão, atirava-se logo aos meios extremos : instigava o movimento de 10 de Abril ; sacudia treze generaes fóra do Exercito e da Armada, e diversos civis nos pantanaes da Amazonia, e impellia outros tantos militares e paisanos á loucura sediciosa que teve por tragico epilogo a Revolta de 6 de Setembro.

Segue-se então o quadrienio agitado e tormentoso de Prudente de Moraes. RODRIGUES ALVES é de novo chamado a reorganizar e pôr em ordem as finanças da Republica, mas a acção ponderada e reconstructora do governo é a cada passo embaraçada, tolhida e conturbada pelas agitações do Congresso e das ruas. RUY BARBOSA, a pleitear *habeas-corpus*, a promover amnistias, a exaltar odios e paixões, ora se approxima, ora se affasta de Prudente. Affaga e repelle; beija e hostiliza; sopra e mórde, Agita-se todo

o paiz; surge a campanha pelas candidaturas presidenciaes. O nome de RUY não é lembrado; RODRIGUES ALVES, ao contrario instado pelos amigos, recusa serenamente a candidatura; sustenta que o chefe de Estado deve ser ainda um dos chefes da propaganda republicana. E, enquanto o eminente bahiano se esbofa para ter o primeiro presidente civil uns ultimos dias de governo ainda mais incertos e atormentados, Rodrigues Alves sem ser mesmo já o ministro da Fazenda, acompanha todas as negociações do *funding-loan* e evita patrioticamente que a dignidade do Brazil soffra o mais leve deslize. Não descança ainda o grande paulista; torna-se no Senado o *leader* do presidente Campos Salles; ampara firmemente a obra financeira de Joaquim Murinho; e, eleito presidente de S. Paulo, vae alli continuar a bella obra encetada pelos seus antecessores em prol da grandeza economica e do desenvolvimento do ensino publico do Estado.

Ao passo que isso se passava, RUY BARBOSA, na sua ingenita agitação demolidora, volta ao jornalismo militante. Funda *A Imprensa*. Levanta a bandeira da Revisão Constitucional. O creador é o proprio a querer estrangular a sua creatura. Começa então a ferir a tudo e a todos. Convencido de que Campos Salles, como Prudente, jámais concorreria para o elevar á presidencia da Republica, acha que é o momento de provocar o diluvio e sepultar no abysmo o edificio republicano.

Nada consegue, porém. RUY BARBOZA. Como uma irrisão, do destino, é ainda o seu eminente competidor de justas litterarias e de estudos da velha Academia de S. Paulo, quem sóbe á suprema magistratura do paiz. RODRIGUES ALVES immortaliza com os mais admiraveis commettimentos o quatrienio aureo de 1902 a 1906. O povo cognomina-o mui justamente o GRANDE PRESIDENTE. Ao seu lado, RIO BRANCO,

o MAIOR DOS BRAZILEIROS, tenta em vão ligar o nome brilhante de RUY a essa phase memoravel da historia do Brazil. Chama-o carinhosamente para o auxiliar na questão momentosa do Acre. RUY accede; mas não se mantem duas semanas quieto. Um bello dia, melindra-se e, cheio de despeito, abandona esse posto de honra e escreve uma carta que nos traz pesados dissabores internacionaes. Atira-se então contra RODRIGUES ALVES; mas não tarda a approximar-se delle nas vésperas do pleito presidencial. Os successos de 14 de Novembro dão-lhe um optimo pretexto, e defende calorosamente o governo sob o pseudonymo de *Jay*; mas não tardam as desillusões. Torna-se, de subito, protector dos revoltosos que tanto estygmatisara; vira-se de novo contra RODRIGUES ALVES; junta-se a Pinheiro Machado; fórma o Blóco; mas... é ainda assim codilhado. Affonso Penna é eleito presidente da Republica.

RODRIGUES ALVES recolhe-se discretamente á sua cidade natal e embarca depois para a Europa, onde se mantem affastado das agitações politicas do momento. Não tarda, entretanto, Affonso Penna a passar do Capitolio para a Rocha Tarpeia. O *Blóco* esfrangalha-se, o que era de esperar do seu argamasador. Surge a candidatura Campista. Brigam Ruy, Pinheiro, Penna e Nilo. Surge o candidato militar. Organiza-se a campanha civilista. RUY é, afinal, candidato da opposição á presidencia da Republica!

A luta torna-se medonha. O instincto conservador da Nação prefere a ignorancia fardada ao *Genio do Extermiuio*. Sobrevêm dias sinistros e tormentosos. A intervenção armada nos Estados parece arrastar o paiz á mais cruenta anarchia. S. Paulo, ameaçado de uma aggressão imminente, arma-se e pensa em resistir; mas, aavez da reacção planejáda, surge a figura veneranda de RODRIGUES ALVES. Appellam para o seu grande patriotismo; instam para que aceite o

governo do Estado; e, abnegadamente, o emerito estadista assume o poder e salva o povo paulista da tyrannia e do derramamento de sangue...

Por uma notavel coincidência, é ainda RODRIGUES ALVES quem ampara então RUY BARBOSA na sua fuga para S. Paulo durante o estado de sitio decretado para a Capital Federal. Hospeda-o carinhosamente; cerca-o de todo o conforto e de todas as garantias: e só não permite nos excessos que pretende commetter o feroso tribuno nos comícios da praça publica contra o presidente da Republica... Este facto só bastaria para ligar, por uma perpetua gratidão, o inclyto bahiano ao seu sempre generoso e gentil collega das lides academicas de S. Paulo.

Mas, procedendo de outro modo como procedeu e ha de sempre proceder, não se pense que Ruy Barbosa é o eterno mal agradecido como costumam injustamente deprimil-o. Elle é a victima, ao contrario, dessa lesão organica que, na phrase já lembrada acima, faz com que, neste mundo, tenha por missão unica e fatidica *destruir sem construir*... É tanto isso é verdade que, mesmo fóra das lutas politicas do paiz jamais cessou de obcecal-o essa vesania demolidora. E, de outra fórma, não se explica que, em Haya, ferrozmente se atirasse contra o embaixador americano e, recentemente, em Buenos Ayres, com meia duzia de gestos imprudentes, procurasse derrubar tudo que alli houveramos alcançado em pról da amizade entre o Brazil e a Republica Argentina...

Não é assim para extranhar que, em tão grave momento historico, aclamado agora RODRIGUES ALVES para successor do dr. Wenceslão Braz pela Nação iuteira e não lembrado sequer o nome de Ruy Barbosa para tão delicado posto, em vez de estender fidalgamente a mão ao seu velho amigo, homem de sua idade e figura que nada tem a dever á sua em prestigio politico e valor pessoal, para caminharem juntos nestes últi-

mos dias de vida e felicitar o paiz; prosiga o illustre bahiano na sua sina lamentavel de demolidor nato. O seu manifesto é o flagrante delicto do seu estado perpetuo d'alma. E, si arrastando o Brazil á guerra, mesmo assim não conseguiu S. Ex. ser o candidato victorioso á presidencia da Republica, é natural que, além da guerra, nos queira atirar ainda na revolução.

A historia, todavia, foi sempre uma bôa conselheira... Lembre-se o sr. RUY BARBOZA das *columnas de Dagon*...

Rio—10 de Junho de 1917

PLATÃO JUNIOR



AG 3.1.1.83-8

See up.
See in.

London N. 22 York 1822

James A. Fenwick

James A. Fenwick

James A. Fenwick

